Capítulo

04

Caminhos na Transcendência Espiritual em Diferentes Matrizes e Contextos Histórico-Culturais

Paths in Spiritual Transcendence Across Different Frameworks and Historical-Cultural Contexts

Guilherme Afonso Pereira Palacios

RESUMO

O estudo explora a relação entre religião, espiritualidade e valores humanos, abordando as diversas maneiras como diferentes tradições religiosas compreendem e interpretam a relação com o divino e a busca pela transcendência. As religiões são apresentadas como produtos da criação humana, que refletem impressões culturais e históricas da infinitude de Deus e funcionam como mecanismos para a compreensão espiritual e existencial. Focamos nossas análises em pontos convergentes das tradições religiosas como o Cristianismo, o Budismo, as religiões de matriz africana e a Nova Era, mostrando como, apesar das suas diferenças doutrinárias, todas compartilham um objetivo comum: a superação do sofrimento e o crescimento espiritual. O Cristianismo enfoca a relação direta com Deus, mediada por Jesus Cristo, com a promessa de vida eterna, enquanto o Budismo busca a iluminação através do desapego e da libertação do sofrimento. Já as religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, valorizam a conexão com os Orixás, promovendo cura e equilíbrio espiritual por meio de rituais. Além disso, o artigo evidencia a crítica científica à religião, que frequentemente a classifica como pseudociência por lidar com fenômenos que não podem ser empiricamente testados.

Palavras-chave: transcendência: espiritualidade: religião

ABSTRACT

The article explores the relationship between religion, spirituality, and human values, addressing the various ways in which different religious traditions understand and interpret the connection with the divine and the pursuit of transcendence. Religions are presented as human creations that reflect cultural and historical impressions of the infinity of God and function as mechanisms for spiritual and existential understanding.

DOI: 10.47573/aya.5379.2.366.4

We focus our analysis on convergent points across religious traditions such as Christianity, Buddhism, African diasporic religions, and New Age practices, showing how, despite their doctrinal differences, they all share a common goal: the overcoming of suffering and spiritual growth. Christianity emphasizes the direct relationship with God, mediated by Jesus Christ, with the promise of eternal life, while Buddhism seeks enlightenment through detachment and the liberation from suffering. African diasporic religions, such as Umbanda and Candomblé, value the connection with the Orixás, promoting healing and spiritual balance through rituals. Moreover, the article highlights the scientific critique of religion, which often classifies it as pseudoscience for dealing with phenomena that cannot be empirically tested.

Keywords: *transcendence; spirituality; religion*.

INTRODUÇÃO

A busca pela transcendência e pela conexão com o divino sempre ocorreu ao longo da história da humanidade, refletindo-se nas mais variadas tradições espirituais e religiosas. Em cada cultura, as crenças sobre a cura do sofrimento, a evolução espiritual e a união com forças superiores podem assumir formas e doutrinas diferentes, mas guardam entre si pontos de convergências e semelhanças. Nossas análises buscam explorar no Budismo, no Cristianismo, nas religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, nas práticas espirituais da Nova Era; e, brevemente revisitamos as referências aos deuses gregos do Olimpo, com o objetivo de demonstrar que, apesar das diferenças culturais e históricas, essas tradições compartilham o mesmo objetivo central: a batalha espiritual entre o bem e o mal, transformação espiritual e conexão com algo além do mundo material.

O **Budismo**, por exemplo, mais do que uma religião, constitui-se de uma filosofia de vida que visa transformar o sofrimento em compreensão e compaixão, promovendo paz interior e harmonia com o mundo ao redor. Fundado por Siddhartha Gautama, o Buda, no século VI a.C., o Budismo apresenta um conjunto de ensinamentos práticos que guiam o indivíduo no caminho do desapego e da sabedoria, culminando na libertação espiritual. As "Quatro Nobres Verdades", que formam a base da doutrina budista, ensinam que o sofrimento é parte inevitável da vida, causado pelo desejo e pelo apego, e que sua superação é possível através do caminho da sabedoria e da prática ética, conhecido como o "Nobre Caminho Óctuplo".

A busca pela superação do sofrimento e pela evolução espiritual não é exclusiva do Budismo. No Cristianismo, a fé em Deus e em Jesus Cristo oferece uma promessa de cura espiritual e redenção, levando o fiel à comunhão com o Criador e à vida eterna. Da mesma forma, nas religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, os praticantes encontram a cura e o equilíbrio por meio da interação com os Orixás, divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida humana. Em todas essas tradições, o objetivo é o mesmo: a elevação espiritual, a superação das limitações humanas e a busca por um estado de harmonia e plenitude. Quais são as semelhanças e particularidades dessas diferentes tradições que, apesar de seus fundamentos religiosos tão distintos, podemos identificar como pontos em comum?

SEMELHANÇAS NA BUSCA PELA CURA E TRANSFORMAÇÃO ESPIRITUAL

> A indagação surgiu ao observar o quanto as definições científicas de mundo influenciam o processo ensino-aprendizagem no ocidente gerando conceitos excludentes do tipo ou isto, ou aquilo, em que o paradoxo tem pouco espaço. A fim de evitar o não-saber e o paradoxo, nos apressamos em designar a identidade de objetos e fenômenos sem o cultivo da dúvida. Entretanto, nas escolas filosóficas orientais são comuns a dúvida, as reticências e algumas indefinições. Igualmente intrigante é o fato da meditação, enquanto prática presente nessas filosofias apontar para um esvaziamento de conceitos e para ampliação da experiência do "não saber", o que sugere um outro tipo de aprendizado (Marques, 2019).

Nesse contexto, o paradoxo e a incerteza têm pouco espaço, e o ensino se apressa em definir identidades e explicar fenômenos de forma clara e categórica, muitas vezes ignorando a importância do não-saber e da dúvida. Por outro lado, nas filosofias orientais, como o Budismo e outras tradições espirituais, a dúvida, as reticências e o acolhimento do paradoxo são parte integrante do aprendizado. Nessas tradições, o "não-saber" é considerado uma abertura essencial para o conhecimento mais profundo e, muitas vezes, uma etapa necessária para a transcendência espiritual.

A prática da meditação nas filosofias orientais exemplifica essa abordagem. Ela não visa a acumulação de conceitos ou certezas, mas ao contrário, busca esvaziar a mente de preconceitos e abrir espaço para uma experiência direta e plena da realidade. Esse esvaziamento de conceitos pode ser comparado a uma cura espiritual, em que o praticante se liberta das amarras mentais e se aproxima de uma experiência mais autêntica e integrada do mundo. Na meditação, o "não-saber" não é visto como ignorância, mas como uma forma de sabedoria que reconhece a complexidade e a interconexão de todos os fenômenos.

Esse aspecto de "não-saber" pode ser encontrado em diversas tradições espirituais, que, apesar de suas diferenças culturais e históricas, compartilham uma busca comum pela cura e pela transformação espiritual. No Cristianismo, por exemplo, a fé em Deus é frequentemente descrita como um ato de entrega, onde o fiel reconhece suas limitações humanas e confia na sabedoria divina para guiar seu caminho. Semelhantemente, no Budismo, a busca pela iluminação através do nirvana envolve a libertação do ego e o desapego das certezas sobre o mundo material. Essa busca pelo transcendente é também visível nas religiões de matrizes africanas, onde os rituais com os Orixás promovem uma conexão espiritual que vai além do entendimento racional e entra na esfera da cura e da transformação profunda.

Essas práticas espirituais em diferentes tradições, embora variem nos métodos e nas doutrinas, convergem na ideia de que a cura e a transformação interior não são atingidas pelo acúmulo de conhecimento, mas pela rendição ao mistério, ao paradoxo e ao desconhecido. Ao contrário do ensino ocidental, que valoriza a certeza e o controle sobre os fenômenos, as tradições espirituais focam na aceitação do "não saber" como um portal para o crescimento espiritual.

Seja através da oração no Cristianismo, da meditação no Budismo ou dos rituais com os Orixás, a transformação espiritual envolve uma abertura para novas formas de perceber e experienciar o mundo, promovendo não só a cura interior, mas também um

profundo senso de conexão com o divino e com o cosmos. Esse processo muitas vezes inclui sentir vibrações e acessar estados alterados de consciência, transes ou incorporações de energias diferentes das nossas, aprofundando ainda mais a experiência espiritual e fortalecendo a ligação com dimensões transcendentes.

Essa visão mais ampla sugere que o aprendizado, tanto no plano físico quanto no espiritual, pode se beneficiar de uma maior aceitação do paradoxo e da dúvida. Primeiro, fenômenos sobrenaturais acontecem para depois compreendermos seus significados e analisarmos o desvelo do mistério, o que nos leva a uma compreensão mais profunda da realidade. A busca pela cura espiritual e pela transformação pessoal, ao abraçar o 'não-saber', oferece um caminho alternativo para superar o sofrimento e alcançar a paz interior. Assim como a meditação esvazia a mente para que possamos compreender a realidade com mais clareza, a aceitação da dúvida em nossas vidas nos permite cultivar uma sabedoria mais profunda e compassiva, levando-nos, em última instância, à verdadeira transformação espiritual.

A espiritualidade muitas vezes se revela através de sinais sutis presentes em nossos sonhos, nas falas do cotidiano ou até em filmes e séries, onde a cultura desempenha um papel fundamental na sua compreensão. Esses meios, que inicialmente podem parecer ficção, tornam-se portais de verdade e ensinamento para o devoto ou praticante de fé. À medida que a pessoa se dedica espiritualmente, os símbolos e mensagens contidos nesses contextos culturais ganham novos significados, deixando de ser simples entretenimento e passando a ser entendidos como manifestações do sagrado, guias que orientam sua jornada interior e proporcionam uma conexão mais profunda com o divino e o universo. Essa interação entre a realidade espiritual e a cultura popular revela que, para aqueles que se abrem à fé, o mistério pode se desvelar em qualquer forma, oferecendo valiosas lições sobre a própria caminhada espiritual.

UMA JORNADA DE TRANSFORMAÇÃO ESPIRITUAL E CONEXÃO DIVINA

> Monges! O que eu aponto é para o sofrimento e o que eu ensino é a sua cessação. A declaração do Buda resume o seu projeto soteriológico e, a partir desta *summa summarum*, pode-se afirmar que, num certo sentido, todos os seus outros ensinamentos, teses, doutrinas e conselhos individualizados por ele elaborados e transmitidos podem ser compreendidos como expedientes (*upāya*) para apontar àqueles fatos. Não é à toa que aquele conjunto de ensinamentos tenha o peso de "verdades". Não compreender a centralidade do sofrimento (*duḥkha*) implica desprezar a pedra angular e incontornável que alicerça o edifício do budismo. Para o Buda, viver qualquer tipo de vida que não aquela conducente à libertação é sofrer. A única alternativa à dor é reunir as condições metodológicas necessárias para extirpá-la, consubstanciada na alternativa de vida proposta por ele (Andrade, 2016).

O Nobre Caminho Óctuplo, um dos principais ensinamentos do Budismo, oferece um guia prático para a cessação do sofrimento e o alcance do despertar espiritual. Quando o sagrado surge, novas portas dimensionais são abertas e Reinos Divinos se tornam perceptíveis, transformando o que inicialmente parece ser ficção em realidades vivas para o devoto ou praticante de fé. Esses sinais servem como orientações que iluminam a jornada interior, aprofundando a conexão com o divino e o cosmos. Para aqueles que superaram a materialidade e alcançaram a transcendência, o Nobre Caminho Óctuplo, um dos pilares

do Budismo, apresenta um guia prático para a superação do sofrimento e a realização do despertar espiritual. Ele é composto pelos seguintes elementos: 1. Visão Correta – A compreensão correta da natureza do sofrimento (*dukkha*) e da realidade, especialmente em relação às Quatro Nobres Verdades (Rahula, 1974); 2. Intenção Correta – O compromisso de viver com boas intenções e de agir de maneira a não causar danos, cultivando o desapego, a benevolência e a não-violência (Gethin, 1998); 3. Fala Correta – O uso da comunicação de forma honesta, compassiva e construtiva, evitando mentiras, calúnias e discursos que possam causar mal (Harvey, 2000); 4. Ação Correta – A adoção de uma conduta ética que previne causar prejuízo a outros seres, através da prática da não-violência e do respeito aos outros (Keown, 2013); 5. Meio de Vida Correto – Ganhar a vida de maneira que não prejudique outras formas de vida, evitando profissões que causem dano ou exploração (Harvey, 2000); 6. Esforço Correto – O empenho em desenvolver qualidades benéficas, como a generosidade e a compaixão, ao mesmo tempo que se elimina pensamentos e ações prejudiciais (Gethin, 1998); 7. Atenção Plena Correta (*Mindfulness*) – A prática de manter uma consciência plena e atenta no presente momento, observando pensamentos, sentimentos e o ambiente sem julgamento (Rahula, 1974); 8. Concentração Correta – O desenvolvimento de uma mente focada, livre de distrações, através da meditação, a fim de alcançar estados de consciência elevados e a compreensão profunda da realidade (Keown, 2013).

No Budismo, a prática da compaixão **(***karunā***)** e da sabedoria **(***prajñā***)** são consideradas essenciais para o caminho do despertar. A compaixão é a disposição genuína de aliviar o sofrimento de todos os seres, reconhecendo a interconexão de todas as formas de vida (Dalai Lama e Thupten Jinpa, 2009). A sabedoria, por outro lado, refere-se à compreensão da verdadeira natureza da realidade, especialmente o conceito de vacuidade **(***shunyata***),** que revela que todos os fenômenos são desprovidos de uma essência fixa e independente, estando todos interligados (Garfield, 1995).

Outro princípio fundamental do Budismo é o da interdependência **(***pratītyasamutpāda***),** que afirma que todos os seres e fenômenos estão intrinsecamente conectados. Nenhuma entidade existe isoladamente; cada ação, pensamento ou evento influencia o todo. Essa compreensão leva ao desenvolvimento de atitudes altruístas e responsáveis em relação ao mundo, promovendo harmonia e coexistência pacífica (Nhat Hanh, 1999).

A meditação é uma prática central no Budismo para o desenvolvimento da concentração e da consciência plena. Por meio dela, o praticante cultiva uma mente serena, lúcida e focada, capaz de observar os pensamentos, emoções e o mundo sem apego ou aversão (Rahula, 1974). A prática de *mindfulness* permite estar totalmente presente no momento, o que proporciona uma percepção mais profunda da realidade e conduz ao despertar, ou iluminação, a realização plena da natureza última da existência (Kabat-Zinn, 2003).

Caminhos para a Iluminação: o Buda Histórico e o Buda Divino no Budismo

No budismo, a distinção entre o **Buda Histórico** e o **Buda Divino** reflete abordagens distintas para o caminho da iluminação e a superação do sofrimento. O Buda Histórico, Siddhartha Gautama, viveu no século VI a.C. e atingiu a iluminação através de

sua própria prática (Harvey, 2013). Ele descobriu e ensinou o Nobre Caminho Óctuplo, enfatizando o esforço individual, a meditação e a renúncia como formas de libertação do ciclo de nascimento e morte, conhecido como Samsara[1]**.** De acordo com os ensinamentos de Gautama, a iluminação é uma jornada pessoal que exige autodisciplina, ética, sabedoria e uma compreensão profunda da impermanência (*anicca*) e da interdependência dos fenômenos (Rahula, 1974). O foco de Gautama estava na libertação individual, através da compreensão das Quatro Nobres Verdades e do esforço consciente para transformar a mente e superar os apegos (Gethin, 1998).

Por outro lado, o Buda Divino, como Amitayus ou Amitabha, surge no contexto do Budismo Mahayana, uma vertente mais devocional que propõe uma abordagem diferente para a iluminação. Enquanto o Buda Histórico é uma figura de esforço pessoal, o Buda Amitayus[2] representa uma figura transcendental, oferecendo um caminho mais acessível e coletivo para o despertar espiritual (Inagaki, 2003). Amitayus fez o voto compassivo de criar a Terra Pura de Sukhavati, um reino celestial onde as condições são ideais para a prática, permitindo que os seres renasçam nesse lugar se recitarem o nome de Amitayus com fé (Fujita, 1973). Esse conceito simboliza uma via alternativa para a iluminação, onde os praticantes podem contar com a compaixão de Amitayus para alcançar o despertar, mesmo que não consigam seguir o caminho estrito de autodisciplina pregado pelo Buda Histórico (Shinran, 1973).

A diferença fundamental entre essas duas figuras reside na natureza da iluminação que elas representam. No Budismo Theravada, baseado nos ensinamentos de Gautama, a iluminação é atingida individualmente e requer esforço consciente, prática de meditação e controle dos desejos e apegos mundanos (Gombrich, 2009). O foco está na responsabilidade pessoal e na autotransformação. No entanto, no Budismo Mahayana, Amitayus encarna a iluminação através da compaixão infinita e da luz eterna, oferecendo aos devotos um caminho onde a fé e a devoção podem substituir o esforço individual para aqueles que buscam renascer na Terra Pura, um ambiente espiritual ideal para atingir o nirvana (Fujita, 1973).

Assim, o Buda Histórico e o Buda Divino representam dois caminhos paralelos dentro do budismo: um de esforço individual e disciplina, e outro de fé e devoção coletiva. Ambas as abordagens, no entanto, buscam o mesmo fim: a libertação do sofrimento e a conquista da iluminação. Essa dualidade oferece aos praticantes diferentes meios para alcançarem a paz interior, dependendo de suas inclinações e capacidades espirituais (Keown, 2013).

1 Samsara é um conceito central em várias tradições filosóficas e religiosas da Índia, incluindo o Hinduísmo, o Budismo e o Jainismo. Refere-se ao ciclo interminável de nascimento, morte e renascimento (ou reencarnação) no qual as almas estão imersas.

2 Buda Amitayus, conhecido como o Buda da Longevidade, pode ser considerado uma figura atemporal e uma criação divina no contexto do Budismo. Sua essência transcende o tempo e simboliza a compaixão e a sabedoria universais. Como uma manifestação do divino, ele atua como um guia espiritual, representando a busca pela iluminação e a libertação do Samsara. A devoção a Amitayus, através de práticas como meditação e recitação de mantras, conecta os praticantes a essa figura divina, promovendo experiências espirituais que transcendem o tempo e o espaço.

As correntes da **Nova Era**[3] reinterpretam o Buda Divino como um símbolo de energia cósmica e consciência superior. Buda Amitayus, dentro dessa perspectiva, é visto como uma fonte de luz universal que permite a conexão com energias espirituais mais sutis (Heelas, 1996). Sua figura representa o poder da cura energética e da transformação espiritual, oferecendo aos praticantes uma maneira de expandir sua consciência e alinhar-se com energias superiores. Assim, a devoção ao Buda Amitayus na Nova Era é considerada um caminho de transformação, que purifica o karma[4] e acelera o despertar da consciência (Hanegraaff, 1998). Por sua vez, a Nova Era, uma corrente espiritual que mescla práticas e crenças de várias tradições, valoriza a cura holística e o equilíbrio energético. Seus adeptos buscam a integração de práticas como meditação, uso de cristais e técnicas de cura energética para restaurar a harmonia do corpo e da alma (Campbell, 2007).

O Buda como Kannon: Compaixão como Caminho para a Iluminação

No Budismo japonês[5] e em várias tradições Mahayana, o Buda também é identificado com Kannon (ou *Avalokiteshvara*), a *bodhisattva* da compaixão (Paul, 1985). Kannon simboliza a misericórdia infinita e age como uma ponte entre o Buda Histórico e o Buda Divino, manifestando a compaixão suprema que guia os praticantes em direção à iluminação. Essa figura é vista como uma expressão da mesma luz e compaixão que Buda Amitayus irradia. Kannon transforma o sofrimento humano em oportunidades de crescimento espiritual, permitindo que aqueles que buscam ajuda divina alcancem a salvação (Shinran, 1973).

A Transformação das Trevas em Luz é um conceito central no Budismo, simbolizando o processo de superação do sofrimento e da ignorância rumo à iluminação. No Budismo, tanto o Buda Histórico, Siddhartha Gautama, quanto o Buda Divino, como Amitayus e Kannon, oferecem caminhos distintos para essa transformação espiritual. O Buda Histórico ensina que a libertação do sofrimento, ou nirvana, deve ser alcançada por meio de um esforço consciente, baseado na prática do Nobre Caminho Óctuplo, que inclui autodisciplina, meditação, e uma profunda compreensão das Quatro Nobres Verdades (Rahula, 1974). Este caminho exige que o indivíduo transforme a mente e supere os apegos, conduzindo à libertação pessoal do Samsara, o ciclo de nascimento e morte.

Por outro lado, a devoção ao Buda Divino, especialmente na forma de *Amitayus e Kannon (ou Avalokiteshvara*), oferece uma abordagem mais acessível e compassiva para a transformação espiritual. *Amitayus*, em particular, simboliza a luz infinita e a vida eterna. Sua

3 Nova Era refere-se a um movimento espiritual e cultural que emergiu nas últimas décadas do século XX, caracterizado pela busca de um novo paradigma de consciência. Ele integra elementos de diversas tradições espirituais, como o Budismo, o Hinduísmo, o cristianismo místico e as filosofias orientais, além de incorporar práticas esotéricas e holísticas. O movimento enfatiza a espiritualidade individual, a conexão com a natureza e a transformação pessoal, promovendo a ideia de que todos estão em um processo de evolução espiritual e de elevação da consciência coletiva. A Nova Era propõe uma abordagem inclusiva e integradora, buscando harmonizar ciência, espiritualidade e práticas terapêuticas.

4 Na tradição budista, karma refere-se à lei de causa e efeito que determina que as ações de um indivíduo, tanto boas quanto más, têm consequências que influenciam suas futuras experiências e renascimentos. O conceito enfatiza a responsabilidade pessoal e a moralidade, sugerindo que as intenções e ações de uma pessoa moldam não apenas sua vida atual, mas também seus destinos futuros.

5 Budismo Japonês é um termo que abrange diversas escolas e tradições budistas praticadas no Japão, incluindo o Tendai, o Shingon, o Zen, a Terra Pura e a Nichiren. Introduzido no Japão no século VI, o Budismo se mesclou com as crenças xintoístas locais, resultando em um rico sincretismo de práticas espirituais. O Budismo Zen, por exemplo, é conhecido por sua ênfase na meditação (zazen) e na experiência direta da realidade, enquanto a Terra Pura foca na devoção ao Buda Amitabha para a salvação. O Budismo Japonês, portanto, não apenas reflete a adaptação da filosofia budista às tradições culturais japonesas, mas também influencia profundamente a estética, a arte e a vida espiritual no Japão contemporâneo.

figura é central no Budismo da Terra Pura, uma tradição Mahayana que enfatiza a fé como meio de transformação. Os devotos podem recitar o nome de Buda Amitayus ou meditar em sua luz divina para se libertarem das trevas da ignorância e alcançarem o renascimento na Terra Pura de *Sukhavati*, um reino celestial onde as condições são ideais para o despertar espiritual (Inagaki, 2003). A luz de Buda Amitayus representa a eliminação da ignorância[6], trazendo paz eterna e a libertação coletiva do sofrimento, não apenas através do esforço individual, mas também pela compaixão infinita do Buda Divino.

Da mesma forma, *Kannon*, *a Bodhisattva* da compaixão, age como uma ponte entre o Buda Histórico e o Buda Divino. Ela personifica a luz da compaixão, que transforma o sofrimento humano em oportunidades para o crescimento espiritual. Ao invocar Kannon, os praticantes budistas se abrem para a cura e a proteção, sendo guiados rumo à iluminação através do poder da compaixão (Paul, 1985). Essa figura, como Buda Amitayus, oferece uma forma de transformação que não depende apenas do esforço pessoal, mas também da força da compaixão e fé.

A transformação das trevas em luz, portanto, é uma metáfora[7] poderosa no Budismo para o processo de iluminação. Ela pode ser entendida tanto como uma jornada de autossuperação individual, onde a disciplina e a sabedoria são fundamentais, quanto como uma experiência de fé e devoção, onde a compaixão e a luz divina de figuras como Amitayus e Kannon guiam os seres para além das limitações do Samsara. Essa dualidade reflete as diversas abordagens dentro do Budismo para alcançar a libertação, seja por meio do esforço consciente, seja pela entrega à compaixão infinita do Buda (Harvey, 2013). Nesse contexto, a busca pela transcendência se manifesta como um caminho de autoconhecimento e transformação interna, onde o praticante é convidado a reconhecer e superar as ilusões que o mantêm preso ao sofrimento.

Essa jornada não é apenas um retorno à essência divina, mas também um processo de integração com o universo, permitindo que o indivíduo experimente a unidade com todas as formas de vida. Ao se conectar com essa dimensão espiritual, o homem se torna parte de algo maior, alcançando a realização plena de seu potencial divino e estabelecendo um pertencimento aos Reinos Divinos[8], onde a compaixão e a sabedoria se entrelaçam, revelando a verdadeira natureza da existência.

Mandalas: Portais para a Espiritualidade

A mandala porta em *sí* um símbolo poderoso que reflete o processo de busca e crescimento espiritual em diferentes tradições religiosas. Ao explorar o quadrado e os oito pontos, percebemos que, apesar das diferenças, todas essas tradições compartilham o objetivo comum de desenvolver virtudes, superar desafios internos e buscar um estado de

6 Eliminação da Ignorância refere-se ao processo de superar a falta de conhecimento e compreensão sobre a verdadeira natureza da realidade, um conceito central nas tradições budistas. No Budismo, a ignorância (avidya) é considerada uma das causas fundamentais do sofrimento (dukkha), pois impede os indivíduos de verem as coisas como realmente são.

7 "Entre o céu e a terra, as nuvens se erguem, escondendo a luz da verdade. Essas nuvens são a ignorância, os apegos que nublam a visão." (autor desconhecido)

8 Na maioria das tradições religiosas, os reinos divinos referem-se a esferas ou dimensões espirituais onde habitam entidades sagradas, deidades ou seres iluminados. No contexto do Budismo, existem diferentes reinos de existência que incluem não apenas reinos celestiais, onde seres iluminados residem, mas também reinos de sofrimento, como os infernos. Cada reino é associado a diferentes estados de consciência e karma, refletindo as consequências das ações passadas dos seres. A sua compreensão serve como um guia para os praticantes, incentivando a busca por uma vida ética e espiritual que possa levar à transcendência do EU.

harmonia e união com o divino. Assim, a mandala serve como um portal dimensional, um símbolo universal que guia a humanidade na busca pelo sentido da vida e pelo encontro com o divino em seu interior.

A mandala pode ser compreendida por meio da análise de seus elementos centrais, como o quadrado e os oito pontos que a compõem. Como observa Judith Cornell, "a mandala é um símbolo da totalidade que reflete a estrutura da vida, um mapa do universo e do caminho espiritual que leva à integração e à unidade" (Cornell, 1994).

No contexto budista, a mandala porta em sua simbologia um diagrama que representa o universo e o caminho espiritual em direção à iluminação. De acordo com Anagarika Govinda, "a mandala é o reflexo da ordem do cosmos e da mente humana, servindo como um meio para visualizar e experienciar a totalidade" (Govinda, 1969). Ela é composta por formas geométricas, muitas vezes centradas em um quadrado e circundadas por oito pontos ou direções, que simbolizam diferentes etapas, qualidades e desafios do desenvolvimento espiritual. As mandalas, portanto, servem como ferramentas de meditação e guias para o praticante em sua jornada interior.

No centro da mandala, encontra-se o quadrado, que simboliza o "palácio celestial" ou o espaço sagrado onde o praticante se conecta com a essência divina. Como afirma Mircea Eliade, "o centro do mundo está sempre situado em um lugar sagrado, e a mandala representa essa centralidade ao oferecer um espaço que possibilita a união do homem com o sagrado" (Eliade, 1958). O quadrado central representa estabilidade, ordem e segurança, sendo elementos essenciais para qualquer jornada espiritual. Esse quadrado pode ser associado à ideia de uma base sólida e estável que sustenta o desenvolvimento das qualidades interiores necessárias para a evolução pessoal. É nele que se encontra a essência e se busca a sabedoria e a harmonia que conduzem ao crescimento interior.

Ao redor do quadrado central, a mandala se expande em oito direções ou pontos que representam diferentes virtudes, desafios e etapas da jornada espiritual do praticante. Cada um desses pontos corresponde a um aspecto a ser enfrentado e superado para que se alcance um estado de plenitude.

Na tradição budista, cada ponto cardeal está associado a um Buda e suas qualidades espirituais. O leste, ligado a Akshobhya, simboliza a sabedoria do espelho e o controle da raiva, promovendo a clareza de visão (Govinda, 1969). O sul, representado por Ratnasambhava, destaca a generosidade e a riqueza espiritual, incentivando compaixão e equanimidade (Trungpa, 1973). O oeste, associado a Amitabha, foca na meditação e no discernimento entre realidade e ilusão, através da autoanálise (Suzuki, 1970). O norte, representado por Amoghasiddhi, simboliza coragem e ação eficaz diante dos desafios (Nhat Hanh, 1999).

Além das quatro direções principais, existem direções intermediárias que representam qualidades como criatividade, intuição, sabedoria e proteção. Estas direções servem como forças complementares que fortalecem a jornada espiritual, enriquecendo o desenvolvimento pessoal. Joseph Campbell descreveu esse processo como "uma integração das forças que se movem em diferentes direções, criando um equilíbrio e uma harmonia que sustentam o crescimento espiritual" (Campbell, 1949).

A caminhada pelas oito direções da mandala simboliza a jornada do praticante em busca de transcendência e união com o divino. Cada direção oferece desafios e oportunidades de aprendizado, promovendo um processo de transformação que envolve a superação de fraquezas e o desenvolvimento de virtudes. Como afirma Carl Jung, "a mandala é um símbolo de totalidade que nos convida a entrar em contato com o inconsciente e a percorrer o caminho de individuação" (Jung, 1950).

Ao seguir o caminho que a mandala oferece, o praticante enfrenta desafios que o ajudam a se aprimorar e a superar limitações, transformando seus defeitos em qualidades e alcançando um estado mais elevado de consciência e sabedoria. Este processo de purificação e crescimento é contínuo e se reflete na evolução pessoal ao longo do tempo. O centro da mandala, o palácio central, representa o encontro com a divindade suprema da mandala, a essência divina e a sabedoria final. Como Govinda sugere, "o palácio central é o ponto de união entre o finito e o infinito, o local onde a verdade última se revela" (Govinda, 1969). Este é o destino último da jornada espiritual, simbolizando o momento em que o praticante atinge um estado de realização e compreensão plena.

Ao explorarmos o quadrado e os oito pontos, compreendemos que a mandala representa o caminho que cada pessoa trilha para alcançar a transcendência e a conexão com o divino. Como Mircea Eliade enfatiza, "a mandala é um modelo de totalidade e perfeição, um símbolo do percurso que leva o homem à integração do eu e à união com o cosmos" (Eliade, 1958).

CONTRAPONTOS SOBRE A ESPIRITUALIDADE

Os Reinos Divinos ou a Espiritualidade são um tema recorrente em várias tradições religiosas, evidenciando a interconexão entre o divino, a natureza e a existência humana. Na mitologia grega, os deuses do Olimpo são classificados em uma hierarquia que reflete suas qualidades e domínios. Zeus, o rei dos deuses, simboliza a autoridade suprema e o controle sobre os fenômenos naturais. Atena, a deusa da sabedoria e da estratégia, representa a razão e a inteligência. Afrodite, a deusa do amor e da beleza, encarna as forças que movem o coração humano. Ares, por sua vez, simboliza a guerra e a brutalidade. Essa hierarquia divina destaca diferentes aspectos da vida humana e suas complexas inter-relações.

Esses deuses não apenas representam essas energias, mas também as influenciam diretamente, atuando como forças arquetípicas que governam o destino dos mortais (Buxton, 2004). Da mesma forma, nas religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé, os Orixás[9] desempenham um papel semelhante. Eles governam elementos da natureza, como o vento, o fogo e as águas, além de aspectos emocionais e comportamentais. Os Orixás, assim como os deuses gregos, são invocados para orientar, curar e proteger os seres humanos, estabelecendo uma ponte direta entre o mundo espiritual e o material (Prandi, 2001).

9 Na Umbanda Sagrada, Orixás se manifestam em sete sagrados tronos, cada um regido por um par de Orixás, um masculino e um feminino, que se complementam. Esses tronos representam aspectos de Olorum e são os seguintes:
Trono da Fé: Regido por Oxalá e Logunan, simboliza a fé, a religiosidade, e a ordem divina.
Trono do Amor: Regido por Oxum e Oxumaré, representa a beleza, a fertilidade e o amor incondicional.
Trono do Conhecimento: Regido por Oxóssi e Obá, oferece sabedoria prática e intuitiva.
Trono da Lei: Regido por Ogum e Iansã, simboliza a justiça e a luta pelos ideais.
Trono da Evolução: Regido por Obaluaiê e Nanã, promove o crescimento individual e a conexão com a tradição.
Trono da Geração: Regido por Iemanjá e Omolu, assegura a maternidade e a revelação de potenciais ocultos.
Trono da Justiça: Regido por Xangô e Egunitá, irradia equilíbrio e purificação em busca da verdade.

A Umbanda e outras religiões de origem africana enfatizam essa interação entre o divino e o humano, vendo os Orixás como intermediários divinos entre Deus e a humanidade. Assim como no Cristianismo[10], que tem a figura de Cristo como mediador, ou no Budismo, onde os *bodhisattvas* agem para guiar os praticantes, os Orixás são figuras de transformação espiritual e cura. Através deles, os praticantes dessas religiões buscam não apenas soluções para problemas imediatos, mas também o crescimento espiritual e a evolução da alma (Brown, 1994). Essa abordagem espiritual reflete uma visão holística e integrada da vida, onde o sagrado está presente tanto nos aspectos cotidianos quanto nos momentos de busca espiritual profunda.

No Budismo, essa interconexão espiritual, simbolizada pelas mandalas, que representam o universo e as forças espirituais que o permeiam. Cada ponto de uma mandala reflete uma qualidade espiritual ou uma deidade, como os Budas celestiais, que representam diferentes aspectos da iluminação (Snodgrass, 1985). Embora o Budismo não personifique essas forças como deuses no mesmo sentido das tradições ocidentais ou africanas, a ideia de que o cosmos é regido por energias espirituais que influenciam a vida humana permanece central. Essa interconexão também é refletida nas práticas da Nova Era, onde as mandalas e outras simbologias espirituais são reinterpretadas como representações de energias cósmicas que podem ser utilizadas para a cura e a transformação pessoal (Heelas, 1996).

A semelhança entre essas tradições destaca um padrão universal: independentemente da cultura ou origem religiosa, há uma compreensão comum de que o cosmos é governado por forças superiores. No caso dos deuses gregos, dos Orixás africanos ou das mandalas budistas, todos esses sistemas espirituais oferecem uma visão integrada onde o divino está intrinsecamente ligado ao mundo material. Essa visão promove uma interação constante entre os seres humanos e as forças espirituais, onde cada ação, prece ou ritual fortalece a conexão com o sagrado e facilita o processo de transformação interior (Eliade, 1991).

A comparação entre os Orixás nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, e os ícones do Cristianismo, como ponto central Jesus Cristo e os santos e santas, revela semelhanças significativas na forma como essas tradições tratam a cura espiritual e a relação entre o divino e o humano.

Nas religiões africanas, a cura é um dos pilares centrais. Através da conexão com os Orixás, que governam tanto elementos da natureza quanto aspectos da vida humana, os praticantes buscam restaurar harmonia e equilíbrio espiritual (Prandi, 2001). Essas curas espirituais são frequentemente realizadas por meio de rituais que envolvem oferendas, danças e invocações, nos quais se canalizam as energias dos Orixás para promover saúde física e emocional.

Na Umbanda, o conceito de Olorum como a força suprema criadora pode ser comparado ao de Deus Pai no Cristianismo. Assim como Deus no Cristianismo, Olorum é a fonte de todo o poder divino, enquanto os Orixás atuam como intermediários entre essa força suprema e os seres humanos (Brown, 1994).

10 Estamos nos referindo ao Cristianismo Primitivo, que abrange as crenças e práticas dos primeiros seguidores de Jesus Cristo, antes do desenvolvimento das tradições e doutrinas estabelecidas, e a uma interpretação da Bíblia sem viés doutrinário.

No Cristianismo, a mediação entre Deus e a humanidade ocorre através de figuras como os santos e, de maneira central, através de Jesus Cristo, que é visto como o caminho para a salvação. Oxalá, um dos Orixás mais reverenciados e associado à fé e à paz, tem no sincretismo a comparação de qualidades e virtudes divinas com a de **Jesus Cristo**, ao qual é descrito como "o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6), guiando os cristãos em direção à redenção (Bastide, 1971). Ambos, Oxalá e Cristo, são vistos como figuras de luz, cura e proteção, irradiando uma energia de paz e equilíbrio para aqueles que os invocam.

Além disso, o papel dos Orixás na Umbanda em práticas de cura espiritual e exorcismo tem paralelos diretos com o exorcismo cristão. Na Umbanda, quando espíritos perturbadores são afastados nas "giras" que são rituais espirituais, busca-se restaurar a paz interior e o equilíbrio da pessoa envolvida. Isso é semelhante ao que ocorre no exorcismo cristão, onde as forças do mal são expulsas em nome de Jesus, reafirmando o poder das forças divinas sobre as malignas (Brown, 1994). Tanto na Umbanda quanto no Cristianismo, o exorcismo simboliza a batalha entre o bem e o mal, e a vitória das forças divinas reafirma a proteção espiritual e a presença constante do sagrado na vida cotidiana.

Essa comparação revela uma convergência entre as duas tradições no que diz respeito ao papel de intermediários divinos e ao uso de rituais espirituais para promover a cura e a proteção. Embora os conceitos de divindade e mediação sejam expressos de maneira diferente, o objetivo comum é o fortalecimento da relação entre o ser humano e o divino, através de práticas que buscam equilíbrio, saúde espiritual e a vitória sobre as forças perturbadoras (Eliade, 1991).

Na Umbanda, por meio da invocação dos Orixás, e canto de "pontos específicos", guias espirituais incorporam nos médiuns, são entidades divinas que governam elementos da natureza e aspectos da vida humana, os praticantes buscam não apenas a cura de doenças físicas, mas também a correção de desequilíbrios espirituais. Esse processo visa reconectar o indivíduo com o divino, estabelecendo um estado de equilíbrio e bem-estar (Prandi, 2001). Essa visão é comparável à prática cristã, onde **Jesus Cristo** curava enfermos e expulsava demônios como um sinal da chegada do Reino de Deus e da salvação espiritual (Bastide, 1971). Tanto na Umbanda quanto no Cristianismo, a cura espiritual é vista como um meio de transformação interior e reconexão com o divino.

No contexto das religiões de matriz africana, a salvação está ligada à evolução espiritual, sendo um processo contínuo de aprendizado e purificação. Ao contrário do Cristianismo, onde a salvação envolve a promessa de vida eterna após a morte, na Umbanda a salvação é entendida como uma jornada evolutiva que se desenrola tanto no mundo físico quanto no plano espiritual. Nessa visão, o espírito do fiel continua a se desenvolver ao longo de várias encarnações, sempre guiado pelos Orixás, até alcançar a harmonia plena com o divino (Brown, 1994). Já no Cristianismo, a salvação é um evento único, alcançado pela fé em Jesus Cristo e culminando na ressurreição e vida eterna após a morte (João 3:16).

Enquanto o Cristianismo oferece a visão de uma **ressurreição corporal** no pós-vida, onde os crentes são transformados e vivem eternamente na presença de Deus, a Umbanda entende a evolução espiritual como um processo dinâmico e contínuo. O Orixá Obaluaiê, por exemplo, está associado à cura e à transformação espiritual, conduzindo os fiéis a estados superiores de existência, de forma semelhante à promessa de salvação

e renovação oferecida por Cristo (Bastide, 1971). Essa distinção reflete uma diferença fundamental entre as duas tradições: enquanto o Cristianismo enfatiza a transformação definitiva após a morte, a Umbanda vê a evolução espiritual como um ciclo contínuo de renascimento e aprendizado.

Assim como no Budismo, onde o conceito de interdependência é central, a Umbanda ensina que todos os seres e elementos estão interligados. O equilíbrio espiritual depende de uma relação harmoniosa com os Orixás e as energias da natureza (Eliade, 1991). Na Umbanda, o ser humano faz parte de um ciclo cósmico maior, no qual a harmonia entre o mundo espiritual e o físico é essencial para o bem-estar e a evolução contínua.

De forma semelhante, no Cristianismo, a fé em Deus e o amor ao próximo são princípios fundamentais para a salvação e a vida eterna (Mateus 22:37-40). A comunhão com Deus e com os outros seres humanos, que é central para a doutrina cristã, ressoa com a visão da Umbanda de que a harmonia com o divino e com os Orixás é chave para alcançar o equilíbrio espiritual. Ambas as tradições ensinam que a vida após a morte envolve uma continuidade espiritual, com a Umbanda enfatizando a evolução através de várias encarnações e o Cristianismo focando na ressurreição e na vida eterna.

O conceito de perdão é fundamental tanto na Umbanda quanto no Cristianismo. No Cristianismo, Jesus ensinou que o perdão deve ser ilimitado, refletindo o amor divino, e que os cristãos devem perdoar uns aos outros assim como Deus perdoa aqueles que se arrependem (Mateus 18:21-22). Na Umbanda, o perdão, uma segunda chance de redimir, também é visto como uma forma de liberar energias negativas e restaurar a paz espiritual, permitindo que o indivíduo se reconecte com as forças divinas e alcance a harmonia interior (Prandi, 2001).

As boas obras são fundamentais tanto na Umbanda quanto no Cristianismo. Na Umbanda, atos de caridade e ajuda ao próximo são essenciais para manter o equilíbrio espiritual e receber bênçãos dos Orixás. No Cristianismo, as boas obras refletem uma vida transformada pela fé e expressam o amor e compaixão de Cristo. Embora não garantam a salvação, elas são consideradas evidência de uma fé verdadeira e viva (Tiago 2:14-17).

A mediunidade tem sido alvo de críticas e perseguições ao longo da história, principalmente por quem não consegue desenvolver essas faculdades extrassensoriais, um meio de conexão espiritual pelo qual as divindades e guias espirituais se manifestam no mundo físico, tanto na Umbanda quanto em outras tradições religiosas.

Na Umbanda, o transe e a incorporação permitem que os Orixás pelos seus guias e falanges se manifestem diretamente através dos médiuns, para orientar, curar e realizar rituais de exorcismo que restauram o equilíbrio espiritual (Brown, 1994). De forma semelhante, no Cristianismo, as manifestações do Espírito Santo, agem para proferir profecias e realizar exorcismos, as quais são entendidas como intervenções divinas por pessoas escolhidas por Deus (Atos 2:1-4).

Na Nova Era, a mediunidade se manifesta por meio da canalização de energias sob supervisão de guias espirituais e mestres ascensionados, que auxiliam na cura energética e no desenvolvimento espiritual (Heelas, 1996). Essas práticas demonstram

que, independentemente da tradição cultural, a mediunidade atua como uma ponte entre o mundo espiritual e o material, permitindo que forças divinas ou espirituais interfiram diretamente na vida dos praticantes.

As práticas ritualísticas são fundamentais em todas essas tradições. No Cristianismo, orações, leitura da Bíblia e participação nos sacramentos são os principais meios de conexão com Deus. No Budismo, a meditação, os mantras e a prática de *mindfulness* promovem a concentração e a purificação espiritual (Govinda, 1969). Nas religiões de matrizes africanas, cânticos, danças e oferendas aos Orixás são formas de manter o equilíbrio entre o mundo material e espiritual (Prandi, 2001). Já na Nova Era, o uso de cristais, meditações guiadas e rituais energéticos visam harmonizar o corpo e a mente com as energias do cosmos (Heelas, 1996).

Embora as tradições religiosas apresentem doutrinas, dogmas, símbolos, indumentárias e práticas distintas, a busca pela transcendência, a cura do sofrimento e a transformação espiritual tem sido um denominador comum. As diferenças doutrinárias refletem diversas formas de compreender o divino e as realidades espirituais, muitas vezes mediadas por egrégoras ou correntes espirituais. No entanto, o objetivo final permanece o mesmo: promover a evolução espiritual, a cura e a conexão com forças superiores, seja através da fé em Deus, da interdependência no Budismo, da devoção aos Orixás ou das meditações e práticas espirituais da Nova Era (Eliade, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A convivência humana, moldada por valores como respeito, honestidade e tolerância, é fundamental tanto para as relações sociais quanto para o crescimento espiritual. No campo religioso, esses valores se expressam em práticas que conectam o indivíduo ao divino, refletindo interpretações culturais e históricas da infinitude de Deus e da espiritualidade.

As religiões,como criações humanas, oferecem formas distintas de interpretar o divino. Cada tradição, com suas doutrinas e rituais, revela um caminho para entender a infinitude de Deus e dar sentido à vida. Enquanto o Cristianismo busca uma relação direta com Deus mediada por Jesus Cristo, o Budismo procura a iluminação e a libertação do sofrimento sem um ser supremo. Ambas as tradições compartilham o desejo de superar o sofrimento e alcançar a elevação espiritual. Embora a ciência veja as religiões como incompatíveis com seu método empírico, elas continuam a fornecer respostas às questões existenciais que vão além do alcance científico. Práticas como a oração e a recitação de mantras, presentes no Cristianismo e no Budismo, auxiliam o praticante a enfrentar os desafios diários e promover a transformação espiritual.

A reflexão sobre diferentes tradições religiosas, como o Cristianismo, o Budismo e as religiões de matriz africana, revela uma busca universal pela transcendência. Cada uma oferece um caminho distinto de transcendência para se relacionar com o divino, seja por meio de uma fé direta, como no Cristianismo, ou mediada por rituais e oferendas, como nas religiões africanas. Comparamos a Umbanda com o Cristianismo devido à figura do Caboclo das Sete Encruzilhada, considerado o iniciador dessa religião. Na visão de uma médium, ele se apresentava com vestimentas de um padre católico, simbolizando a

intersecção entre as tradições religiosas e a influência da cultura católica na formação da Umbanda. Essa representação destaca a sinergia e os diálogos entre diferentes sistemas de crenças, refletindo o sincretismo que caracteriza essa prática espiritual.

Em conclusão, o sincretismo religioso, muitas vezes mal compreendido, representa emanações espirituais que se manifestam no mundo humano, sendo adaptadas ao contexto cultural e temporal de cada sociedade. Essas manifestações são incorporadas em diversas religiões para facilitar a compreensão do divino, funcionando como uma forma de entendimento inicial, quase infantil, para aqueles que ainda não são capazes de abarcar a infinitude de Deus em sua totalidade. Assim, diferentes tradições espirituais oferecem caminhos distintos, mas com o mesmo propósito de conexão com o sagrado e evolução espiritual.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Clodomir B. de. **O Caminho e as suas Etapas**: as Quatro Nobres Verdades (CATVARYĀRYASATYAṆI), O Nobre Óctuplo Caminho (ĀRYĀṢṬĀṆGIKAMARGA) e os Estágios dos Buscadores. *Kriterion: Revista de Filosofia*, v. 57, n. 133, p. 105-125, 2016.

BASTIDE, R. **As Religiões Africanas no Brasil***: Rituais e Crenças*. São Paulo: Pioneira Editora, 1971.

BROWN, D. **Umbanda***: Religion and Politics in Urban Brazil*. New York: Columbia University Press, 1994.

BUXTON, R. **The Complete World of Greek Mythology**. London: Thames & Hudson, 2004.

CAMPBELL, C. **The Easternization of the West***: A Thematic Account of Cultural Change in the Modern Era*. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

CAMPBELL, J. **The Hero with a Thousand Faces**. Princeton: Princeton University Press, 1949.

CORNELL, J. **Mandala***: Luminous Symbols for Healing*. Wheaton: Quest Books, 1994.

DALAI LAMA; THUPTEN Jinpa. **The Middle Way***: Faith Grounded in Reason*. Boston: Wisdom Publications, 2009.

ELIADE, M. **Images and Symbols***: Studies in Religious Symbolism*. Princeton: Princeton University Press, 1991.

ELIADE, M. **Patterns in Comparative Religion**. Nova Iorque: Sheed & Ward, 1958.

FUJITA, K. **The Larger Sutra on Amitayus***: Translation of the Amida Sutra*. Kyoto: Ryukoku University, 1973.

GARFIELD, J. L. **The Fundamental Wisdom of the Middle Way***: Nagarjuna's Mulamadhyamakakarika*. Oxford: Oxford University Press, 1995.

GETHIN, R. **The Foundations of Buddhism**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

GOMBRICH, R. **What the Buddha Thought.** London: Equinox Publishing, 2009.

GOVINDA, A. **Foundations of Tibetan Mysticism**. Nova Iorque: Samuel Weiser, Inc., 1969.

HANEGRAAFF, W. **New Age Religion and Western Culture***: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. Albany: State University of New York Press, 1998.

HARVEY, P. **An Introduction to Buddhist Ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HARVEY, P. **An Introduction to Buddhism***: Teachings, History and Practices*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HEELAS, P. **The New Age Movement***: The Celebration of the Self and the Sacralization of Modernity*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

INAGAKI, H. **The Three Pure Land Sutras***: A Study and Translation*. Berkeley: Numata Center for Buddhist Translation and Research, 2003.

JUNG, C. G. **The Integration of the Personality.** Nova Iorque: Farrar & Rinehart, 1950.

KABAT-ZINN, J. **Coming to Our Senses***: Healing Ourselves and the World Through Mindfulness*. New York: Hyperion, 2003.

KEOWN, D. **Buddhist Ethics***: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MARQUES, Luciana Fernandes. **Os processos de ensino-aprendizagem na filosofia Madhyamika**. In: Anais da VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

NHAT HANH, T. **The Heart of the Buddha's Teaching***: Transforming Suffering into Peace, Joy, and Liberation*. Nova Iorque: Broadway Books, 1999.

PAUL, D. Y. **Kannon***: The Bodhisattva of Compassion*. Boston: Wisdom Publications, 1985.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RAHULA, W. **What the Buddha Taught.** New York: Grove Press, 1974.

SHINRAN, S. *T***he Teaching, Practice, Faith, and Enlightenment.** Berkeley: Numata Center for Buddhist Translation and Research, 1973.

SNODGRASS, A. **The Symbolism of the Stupa.** Delhi: Motilal Banarsidass, 1985.

SUZUKI, S. *Zen Mind,* **Beginner's Mind.** Nova Iorque: Weatherhill, 1970.

TRUNGPA, C. **Cutting Through Spiritual Materialism**. Boston: Shambhala Publications, 1973.